OR GALERIA DE ARTE

OLIVÍA REIS
DIRETORA DA OR GALERIA DE ARTE

"Uma vez que tenha experimentado voar, andará pela terra com os olhos postos no céu, pois ali esteve, e para ali desejará voltar."
Leonardo da Vinci

Eis-me com o desejo de voar a tempo inteiro, pela Arte e para a Arte, donde em sonhos raramente pousei, mas repartida, conscientemente entre a animosidade de outras atividades que, assumidas, foram levadas com êxito a bom porto.

Se o sonho comanda a ideia, chegou o tempo de a concretizar - Abrir uma Galeria de Arte - com responsabilidade e ética, valores de referência que sempre pautaram a minha forma de estar no mundo e na profissão.

Neste meu desafio arrojado, pelos tempos sempre difíceis que decorreram em períodos de "Conquista e Inovação", incluo todos aqueles que partilham deste projeto, também aos artistas, e a todos os visitantes que irão usufruir deste espaço cultural em geral e das artes plásticas em particular.

Esta nova Galeria de Arte em Espinho, um espaço que, pretende ser capaz de colaborar com outros meios e espaços culturais, que possam favorecer a atividade expositiva diversificada, qualificada e assente numa programação cuidadosa, inovadora e ambiciosa.

As propostas hoje apresentadas, Exposição de Arte Contemporânea, inclui nomes grandes da pintura e escultura portuguesa, alguns já falecidos, outros, que continuam a dar-nos valores das suas experimentadas vivências criativas.

Uma exposição coletiva, sempre discutível, é, à partida, ela mesma, um debate de ideias, estudos e argumentos de culturas que não deixa margem nunca à indiferença.

A "OR galeria de Arte" teve em conta a hierarquia de figuras tutelares dos artistas: Álvaro Lapa, Jaime Isidoro, José Rodrigues e Júlio Resende, a par de Abreu Pessegueiro, António Macedo, Armando Alves, Artur Moreira, Carlos Carreiro, Cruzeiro Seixas, Dario Alves, Francisco Laranjo, Hélder de Carvalho, José de Guimarães, Mário Bismarck, Noronha da Costa, e artistas de outra geração, Alexandra de Pinho, Amélia Palácios, Ana Maria Menezes, Fátima Santos, J. Alexandre, Maria da Paz Menezes, Mário Vitória e Olívia Reis.

Em cada obra destes autores, encontramos um universo de conjeturas interpretativas que desafiam a possibilidade à participação de cada visitante, proporcionando uma viagem ao mundo das Artes Plásticas.

Acredito que esta exposição e o ciclo de outras que lhe seguirão darão um contributo para a promoção do universo artístico da região Norte e de Espinho em particular.

ACERCA DA POLISSEMIA NAS OBRAS DE ARTE CONTEMPORÂNEA E ATUAL – PARA 1 EXPOSIÇÃO EM 2 ATOS E VÁRIOS PENSAMENTOS

MARIA DE FÁTIMA LAMBERT

PROFª. COORDENADORA ESE/IPP, CRÍTICA DE ARTE E CURADORA INDEPENDENTE

> Dall'immagine alla voce la via può essere breve, se i sensi rispondono. La rètina comunica col timpano e «parla» all›orecchio di chi guarda; e per chi scrive la parola scritta è sonora: prima la sente nella testa.
> Antonio Tabucchi, Racconti con figure.[1]

> Não compreendo o que vi. E nem mesmo sei se vi, já que meus olhos terminaram não se diferenciando da coisa vista.
> Clarice Lispector, A Paixão segundo G.H.[2]

O que é a Arte depois de [deixar de ser] contemporânea?

Os artistas contemporâneos pensam a Arte, pensando o mundo ou o contrário será mais válido?

Poder-se-á pensar ainda com Merleau-Ponty, indagando quanto ao sentido anacrónico e concomitante da diferenciação dos tempos na identidade pessoal que se queira categorial:

> Já não sei quem sou no meu próprio tempo, embrulhando no meu tempo o do outro ou, pelo contrário, embrulhado por esse (outro tempo): co-temporalidade, con-temporaneidade onde a conjunção dos tempos, o seu consenso, a sua comunidade e mesmo a sua comunicação, longe de ser síntese harmoniosa ou totalização pacífica é, senão tensão polémica e conflito, menos ainda afastamento, intervalo, fluxo e refluxo de tempos próprios no sujeito.[3]

Os tempos são concomitantes, sobrepondo-se num empastamento que nos pode angustiar ou assegurar. O passado e o futuro anulam o presente, assim terá questionado Santo Agostinho, quando desenvolveu as suas inigualáveis reflexões acerca do Tempo nas *Confissões*: "Mas se o presente, para ser tempo, tem necessariamente de passar para o pretérito, como podemos afirmar que ele existe, se a causa da

---

1 « Da imagem à voz, a via pode ser breve, se os sentidos responderem. A retina comunica com o tímpano e fala ao ouvido de quem olha; e para quem escreve, a palavra é sonora: primeiro ouve-a na cabeça." Antonio Tabucchi, *Racconti con figure,* Sellerio, Palermo 2011, p.9. (Tradução minha)

2 Clarice Lispector, *A Paixão segundo G.H.,* Lisboa, Relógio d'Água, 2000, p.12

3 Maurice Merleau-Ponty, *Phénom*énologie de la Perception, Paris, Gallimard, 1945, p.475

sua existência é a mesma pela qual deixará de existir?"[4] Onde melhor que na Arte, esta conceção inquisitiva sobre o presente, se pode posicionar?

Quando nos interrogamos acerca da obsolescência ou vanguardismo, parecendo não querer ficar-se quieto no tempo presente e atual, antes o querendo – supostamente – atualizado?

Convencionou-se, na perspetiva de alguns historiadores das Artes Plásticas e Visuais, situar a idade do "contemporâneo" instituindo-a em termos de periodização, a partir dos inícios da década de 60 do séc. XX, atendendo ao impacto e repercussão que as mudanças socioculturais infligiram na Cultura, propugnando novos modelos e valores estruturantes nas artes:

> A arte não é só reflexo, mas também proponente das transformações da nossa época. Cria objectos onde são postos à prova os quadros gerais em que se exercem as actividades práticas e especulativas da época. E ao deslocar-se da praxis instituída, reforma-a.[5]

Num livro emblemático, publicado em finais do século passado, *Del arte objetual al arte de concepto. Epílogo sobre la sensibilidad posmoderna*, o filósofo espanhol Simon Marchán-Fiz[6], alertava sobre o fato de, em vez de existirem "estilos", ao longo do séc. XX se dever substituir o termo pelo de "tendências". Após a profusão paralela de correntes, grupos e movimentos verificou-se uma certa saturação sociocultural, no respeitante à dinamização gregária dos artistas, dentro do seu meio, quanto a opções organizacionais comuns — artísticas e/ou estéticas — assumidas dentro de um espírito conciliador. Abordar a pluralidade das produções e obras, então desencadeadas num quase frenesi, a consciência do "mais recente" era difícil não somente de localizar (periodizar) mas também de organizar, se recorrendo às nomenclaturas anteriormente vigentes.

A partir de finais dos anos 1960 e entrando nas décadas finais do séc. XX, a situação foi-se clarificando, numa certa aceção, tornando-se mais corrente, estrutura uma historiografia fora dos cânones oitocentistas, proclamando uma enunciação crítica das instituições, designadamente. Clarificou-se, por recurso a uma consignação de revisão desconstrutiva, a situação de multiplicidade e interseções constantes, proclamando a permeabilidade diferencial, libertando-se de convencionalismos e deliberações psicosociológicas, em prol de uma funcionalidade plural no campo das artes.

Os artistas, desde que sabem os casos mais anteriores, desenvolveram as suas

---

4 Santo Agostinho, *Confissões*, Livro IX, 14. "O que é o tempo?", Porto, Livraria Apostolado da Oração, 1977, p.304

5 Rui Mário Gonçalves, "Seis artistas portugueses de Paris", citado em *Anos 60, Anos de ruptura - uma perspectiva da arte portuguesa nos anos 60*, (Vol. Artes Plásticas), Lisboa, Livros Horizonte, 1994, p.55

6 Simón Marchán-Fiz, *Del Arte Objetual al Arte de Concepto - Epílogo sobre la sensibilidad post--moderna*, Madrid, Akal, 1988.

próprias pesquisas, cumprindo-as com espírito analítico e crítico. Cumprindo propósitos diversos, consoante as mentalidades se formatavam nos tempos, por consonância a circunstâncias ou vigorando em dissonâncias, progrediram para a estipulação de princípios que pudessem alcançar outros produtores, assim consignando propósitos com intuito, dir-se-ia também educacional e não somente normativo ou instrutivo. E, após a elaboração de tais princípios constitutivos, houve que, de geração quase em geração, ir revendo as premissas e flexibilizando – mais ou menos histrionicamente – as revigorações tendentes a uma movimentada complexificação produtiva.

> Aceito mal o que em arte se designa por inovador. Deverá uma obra ser entendida pelas gerações futuras? Porquê? Que quererá isso dizer? Que elas poderão utilizá-la? Em quê? Não vejo bem. (...)
> Nunca, nunca, a obra de arte se destina às novas gerações. Ela é oferenda ao inúmero povo dos mortos. Que a acolhem. Ou rejeitam.(...)[7]

Serão tempos sincréticos aqueles que, periodicamente se revêm e nos revisitam, num quase paroxismo idealizado e contra-utopista?

Os modelos, que porventura nos ajudaram na leitura da diversidade artística desenvolvida ao longo da 2ª metade do séc. XX, provendo "situar" historiograficamente os diferentes autores -e mesmo pretendendo compreendê-los, aferiam-se ainda pelo respeito à identificação (e interrogação) de quais as ideias promotoras dominantes. Dada a sua complexidade, com alguma frequência, foi considerada como "excessivamente inovadora", por parte de alguns espíritos mais críticos. A incompreensão e o i-reconhecimento para a sua "classificação" (arrumação categorial e /ou tipológica, por assim dizer) manifestavam presença de alerta nas linguagens emergentes. Tornava-se urgente gerir essa necessidade quotidiana e módica, expressa com frontalidade por elementos do público mais objetivos, para assim ir contribuindo para uma organização epistemológica, de conveniência estética, para viabilizar uma abordagem e leitura sistematizada. Perguntar-se-á, pelo menos alguns críticos, com que coerência legitimadora ou se não seria mais profícuo, permanecer fora das habituais "zonas de conforto" socializadoras da arte contemporânea…Ou seja, há que ponderar que o tempo, as décadas da era contemporânea da Arte já ultrapassaram os cinquenta anos…

A homogeneidade, plausível de ser mapeada, de similitudes e/ou proximidades (quanto à natureza e/ou suas características) entre as obras ou intervenções artísticas, determinava-se pelo referente ao nível técnico, quanto às propriedades *vide* na expressividade, na temática, nos materiais...; pelas afinidades discursivas, plasmando uma sintaxe e, ainda, no respeitante à estratificação de temáticas; pelas conformidades semânticas; relativamente às conotações e denotações subjacentes,

7 Jean Genet, *O Atelier de Giacometti*, Lisboa, Assírio & Alvim, 1988, pp.19-21

quanto ao uso pragmático e, pois, no âmbito da sociolinguística.

Assim, a prevalência mais do que a vigência dessa designação mais apropriada, seguindo Marchan-Fiz, de tendências, enquadrar-se-á na placidez de um espírito de tolerância e na abertura que sustentará os demais posicionamentos metódicos (talvez concomitantes), em áreas colaterais e de confluência.

A interrogação presentificada, em moldes de alternativa, pauta-se por um rigor que modifique a dogmaticidade que possa subjazer a certo tipo de determinações teórico-práticas, exigindo-se, portanto, um esforço de objetividade na investigação *poiética*, assim como para o estudo dos fenómenos artísticos que acompanhem a atualidade sem remissão, permitindo suplantar fundamentalismos estéticos e críticos institucionalizados.

Jean François Lyotard haveria de questionar a capacidade dos géneros tradicionais da Arte (pintura, escultura, etc.), à época pós-moderna, a sua dificuldade em acompanhar as vicissitudes, os dinamismos e, diria eu, os paradoxos da sociedade. Assim, surgiu a curadoria *Les Immatérieux*, apresentada no Centro Georges Pompidou, em 1985, curadoria do filósofo com Thierry Chaput. Através das novas tecnologias – informática, técnicas multimédia, manipulações genéticas, enfim….ao *software*[8]. Plasmava-se nos ecrãs uma nova forma de relação ao mundo, sublinhado não o afastamento das coisas da vida na sua complexidade, antes delas se acercando, segundo uma nova perspetiva de decisão expográfica e não apenas reverberando um pensamento curatorial. Não se tratava de uma desmaterialização de teor metafísico, mas procurando ativismos des-reificados (des-coisificados) centrados na evanescência autofágica dos tempos e dos eventos. Focava-se, pois no acontecimento registado, evocado nas imagens irreversíveis.

Marc Jiménez, ao ponderar os direcionamentos da Arte Contemporânea em finais do séc. XX, transpondo-se para os inícios do séc. XXI, inquire quanto possam as convicções dos artistas regulamentar, por obvio, os seus produtos artísticos, subsumidos com frequência a compromissos singulares por relação aos tópicos que isolam das confluências caóticos, equívocas ou tautológicas dos tempos mais atuais. Haverá que salvaguardar, então, quão diversos sejam as intencionalidades e objetivos que conduzem a conceção e a criação artística e, em alguns casos, se os artistas estão cientes daquilo que, efetivamente pretendem, assim como se o que realizam corresponde, se identifica em genuína consentaneidade com as premissas. Por outro lado, o autor de *La querele de l'Art contemporain* assinala, ainda, como uma das propriedades da situação no presente, da manifesta porosidade da Arte por relação à sociedade, tanto quanto o inverso. É uma relação de permissividade mútua, sinergias que se desencadeiam, impregnando-se e transbordando em uma e outra.

A multiplicidade de linguagens artística cativada na atualidade, apresenta causas bem diferentes daquelas que irromperam com a modernidade e as vanguardas.

8 Cf. Marc Jiménez, *La querelle de l'Art Contemporain*, Paris, Gallimard, 2005, p. 273

Não se trata de romper deliberadamente com as regras, as circunscrições formais mas antes um "funcionamento" que se processa num outro registo. Haverá que sustentar as questões implícitas, assim como as exógenas, tratando o público de se encontrar em paradigmas que, todavia, estejam subsumidos a categorias estéticas ignaras e a assinalem concretizações por sistematizar ou classificar. Ainda, de ponderar quanto ao significado, em termos formalistas, de obras que se assemelham a outras que lhe são anteriores e estejam validades e qualificadas em tipologias e classes convencionais. Ou seja, como encarar as obras que glosam verisimilhanças morfológicas, epidérmicas com iconografias históricas. Haverá que as retificar em concomitância a um pensamento atualizado e polissémico, onde a estipulação de gosto, por parte dos artistas e dos públicos, é previsível e uma qualificação de interesse tomado como genuíno de *per se*.

À questão diversificadora de tipologias expressivas, da exigência reasseguradora de consignações categoriais – ao nível da história da Arte Europeia Ocidental, haverá que acrescentar a proliferação de gostos, cuja vigência se acelerava, ou nem mesmo alguns desses gostos atingiam públicos, antes se redimiam, reviravolteando no pensamento de seus criadores e daqueles que, de próximo, os acompanhassem. Pareciam assim validar a convicção de David Hume, quando na Inglaterra do séc. XVIII, propugnava sobre quem teria legitimidade e autoridade para decidir a configuração de "normas" ou "regras" de gosto, atribuindo o apanágio, o exclusivo, aos artistas e àqueles que com estes privassem…

Yves Michaud alertou-nos para um "novo regime da Arte", entendendo que a estética a estaria a substituir, predominando a experiência artística sobre, quer as obras, quer os objetos, em benefício dos processos e procedimentos que o artista assume como autor. As suas atitudes e assunções asseguram-se tão-somente em termos de efemeridade, direcionando uma certa diluição no que seja a preponderância que repercuta junto do público, em termos societários.[9]

Na atualidade, pode parecer irrelevante ou extemporâneo, ter como escopo crítico prioritário, discriminar quais os parâmetros que direcionem, que subsidiem em termos concetuais, uma qualquer intervenção de *per se*, por demais sendo alheio aos propósitos de atuação dos seus intervenientes mais endógenos.

Contrariamente ao que se possa pensar, os aspetos fundamentais consignados à formação de público para as artes - educação estética, educação do gosto – procedem, para não retrocedermos mais, do séc. XVIII quando filósofos como John Locke avançaram as suas reflexões acerca do *Standard of Taste*, depois perscrutadas, como acima se evocou, por David Hume (1757). Prosseguindo, na Alemanha a problemática foi assumida decisivamente por Kant, que lhe procurou resolução na sua

---

9 Cf. Yves Michaud, *L'Art à l'état gazeux. Essai sur le triomphe de l'Esthétique*, Paris, Stock, 2003, pp.169 e ss.
O estado gasoso seria ´derradeiro estádio no tocante à desmaterialização da Arte, que segundo este Autor se teria iniciado na década de 60 do séc. XX, a sua "imaterialização anunciada" duas décadas mais tarde, como também sublinhou Marc Jiménez.

formulação da *Antinomia do Gosto*. Nos inícios do séc. XIX, a problemática foi reservada a um aprofundamento definitivo, e demonstrativo de uma maior amplitude e extensividade, nas cartas de Educação Estética de Schiller.

Nos idos de 1700, tanto quando da égide da modernidade baudelairiana, progredindo até às vanguardas históricas de inícios de séc. XX, ainda prevalecendo neste início de séc. XXI, a formação de gosto e a sua legitimidade persistem enquanto *punctum* fulcral, tanto para o desencadeamento das reflexões estéticas, quanto no relativo às problematizações críticas e teóricas.

> …a experiência estética é efetivamente um retraimento sobre os recursos privativos do imaginário e uma janela alargada sobre o real, situa-se numa "inquieta familiaridade", para retomar uma bela expressão de Freud…[10]

A construção das estéticas atuais e a enumeração, as narrativas da atuação artística pautam-se por uma certa consonância, correspondem à ênfase reconhecida na apropriação pelo sujeito, pelo fruidor estético, uma das condições que é suscitada e caracteriza, ainda que genericamente, a maioria das produções presentes que verdadeiramente interessam. O que poderia significar, por outro lado, diversidade axiológica, mesmo dissonância pensar-se-ia… Seguindo Yves Cusset, entenda-se que a Estética se verifica – numa leitura histórica desta disciplina científica - numa segunda plataforma por relação à Arte. A Estética não precisaria da Arte em si para a formulação de suas reflexões endógenas: "A arte procura libertar a experiência estética da própria ideia de belo."[11]

Com o que ficamos depois do belo se ausentar?

As funções da estética e das teorizações sobre arte — na sua multiplicidade e exercícios heterogéneos são fruto quer da génese, quer da produção e também na sua receção. Remetem para uma análise, crítica e reflexão a concretizar, tendo como ponto de partida o questionar recorrente, que emerge da própria tradição intelectual do século XX, quer por parte dos filósofos e estetas, quer pelos artistas que legitimam o seu pensamento.

A propósito da exposição coletiva Arte Contemporânea que agora se pode ver na Galeria Olívia Reis, as sugestões de pensar irromperam perante a diversidade qualificada das obras que se mostram, fruto de artistas de várias gerações, cuja referência é incontornável. Cabe-nos, hoje, acelerar as nossas ideias e descobrir as identidades e a criatividade dos artistas - pintores, desenhistas e escultores. Dinamizar a nossa sensibilidade e pensamento, disponíveis para fruirmos as diferentes aceções de beleza, energia e lucidez que emanam das obras patentes nesta nova Galeria.

---

10 Yves Cusset, *Réflexions sur l'Esthétique Contemporaine*, Paris, Ed. Plein Feu, 2000, p.11

11 Yves Cusset, *Op. cit.*, pp.22-23

GALERIA DE ARTE OLÍVIA REIS

FRANCISCO AZEVEDO BRANDÃO
PROFESSOR

Uma nova Galeria de Arte acaba de abrir em Espinho – Galeria de Arte Olívia Reis – dirigida por Maria Olívia Sá dos Reis, professora, licenciada em Artes Plásticas-Pintura, pela Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto, com frequência do Curso de História da Arte, Psicologia e História da Educação da Faculdade de Letras da mesma Universidade e participante em várias Exposições de Pintura individuais e colectivas nacionais e internacionais.

Senhora de um vasto e diversificado currículo profissional – docente de Educação Visual, formadora em vários Centros de Formação Profissional, monitora em diversos Ateliers de Expressão Artística – Desenho, Pintura, Cerâmica, Vitral, Fotografia e Teatro -, participante em vários Congressos de Acção Pedagógica no campo das artes visuais, modificabilidade cognitiva, desenvolvimento vocacional e psicologia de desenvolvimento pessoal, entre outras – é garantia insofismável de que se trata de um estabelecimento de educação e cultura artística, motivador de futuros executantes e apreciadores das artes plásticas e não só, que vem, sem dúvida, enriquecer o panorama cultural e artístico da cidade de Espinho, "por ter sido esta cidade cúmplice dos meus sonhos, anseios e projeto de menina e moça, tantas vezes confiados às ondas daquele mar revolto, inspirador de força pelo sei viver intenso de silêncio, das marés vivas e das suas calmarias" - como confessa Olívia Reis.

A Galeria Olívia Reis, agora inaugurada, será a partir de hoje, não só uma Escola de Arte mas também e acima de tudo, um mostruário moderno e actual das melhores obras de arte, tanto de artistas consagrados como de novos talentos que despontam no mundo das artes plásticas em Portugal e no Mundo.

GALERIA DE ARTE
arte contemporânea

ABREU PESSEGUEIRO

ÁLVARO LAPA

ANTÓNIO MACEDO

ARMANDO ALVES

ARTUR MOREIRA

CARLOS CARREIRO

CRUZEIRO SEIXAS

DARIO ALVES

FRANCISCO LARANJO

HELDER DE CARVALHO

JAIME ISIDORO

JOSÉ DE GUIMARÃES

JOSÉ RODRIGUES

JÚLIO RESENDE

MANUEL CAEIRO

MANUEL CARGALEIRO

MÁRIO BISMARCK

NORONHA DA COSTA

ABREU PESSEGUEIRO

Porto 2, 2012
Acrílico s/ tela
75 x 75

ABREU PESSEGUEIRO

Porto, 2012
Acrílico s/ tela
80 x 80 cm

ÁLVARO LAPA

Técnica mista s/papel
54 x 43 cm

HIGH·LIFE

ANTÓNIO MACEDO

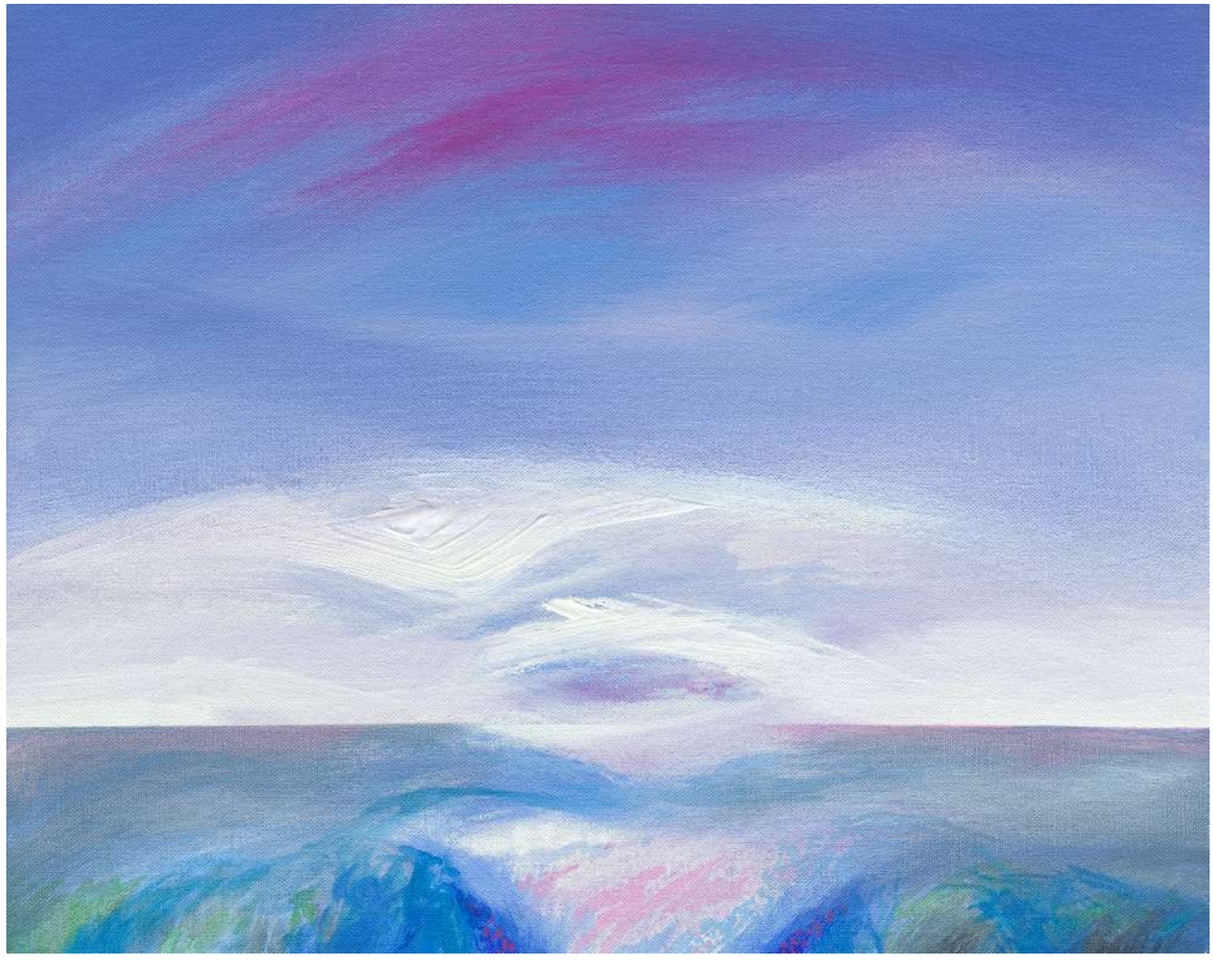
O Fruto
Óleo s/ tela
50 x 40 cm

ANTÓNIO MACEDO

O Segredo
Óleo s/ tela
50 x 40 cm

ARMANDO ALVES

S/Título, 2017
Acrílico s/ tela
45 x 50 cm



ARMANDO ALVES

S/Título, 2017
Acrílico s/ tela
30 x 40 cm

ARTUR MOREIRA

S/Título, 2007
Grafite s/ platex branco
61 x 85

ARTUR MOREIRA

S/Título, 2009
Bronze

CARLOS CARREIRO

Noitada do General Gafanhoto, 2012
Acrílico s/ tela
100 x 80 cm

CARLOS CARREIRO

Born To Be a Star, 2017
Acrílico s/ tela
80 x 100 cm

CRUZEIRO SEIXAS

Técnica mista s/papel
25 x 32 cm

DARIO ALVES

Desenho rasgado I, 2017
Grafite s/ papel
21 x 29.5 cm

DARIO ALVES

Desenho rasgado III, 2017
Grafite s/ papel
21 x 29.5 cm

FRANCISCO LARANJO

Imagens Naturais VII
Óleo s/ papel
10 x 22,5 cm

FRANCISCO LARANJO

Quarta declinação, 2008
Óleo s/ tela
100 x 80 cm

HELDER DE CARVALHO

Amazona a cavalo, 2016
Bronze patinado
80 x 30 x 20 cm

HELDER DE CARVALHO

Formas de continuidade no espaço, 2016
Bronze patinado
400 x 300 x 20 cm

JAIME ISIDORO

Ribeira, 1995
Aguarela s/ tela
47 x 67 cm

JOSÉ DE GUIMARÃES

(1986)
Aguarela s/ papel
100 x 65 cm

JOSÉ DE GUIMARÃES

Gouache s/ papel
50 x 100 cm

JOSÉ RODRIGUES

S. JOÃO BAPTISTA
Técnica mista s/papel
36 x 25 cm

JOSÉ RODRIGUES

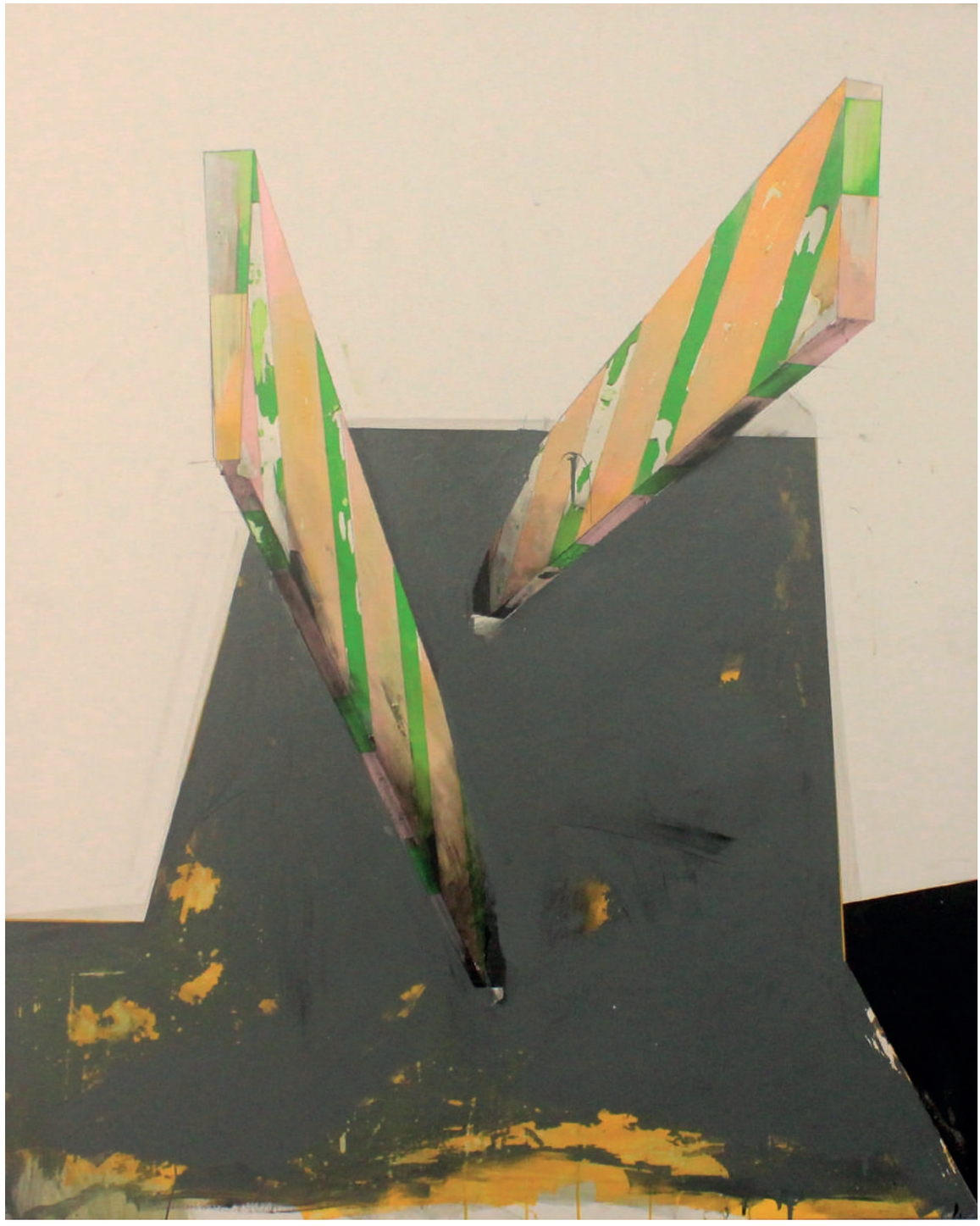
Técnica mista s/papel
24 x 15 cm

JÚLIO RESENDE

(1984)
Guache s/ papel
61 x 45 cm

MANUEL CAEIRO

"YELLOWMETRIC", 2012
Acrílico s/ tela
160 x 130 cm



MANUEL CARGALEIRO

(2000)
Gouache s/papel
7 x 30 cm

MANUEL CARGALEIRO

(1973)
Gouache s/papel
26 x 16 cm

MÁRIO BISMARCK

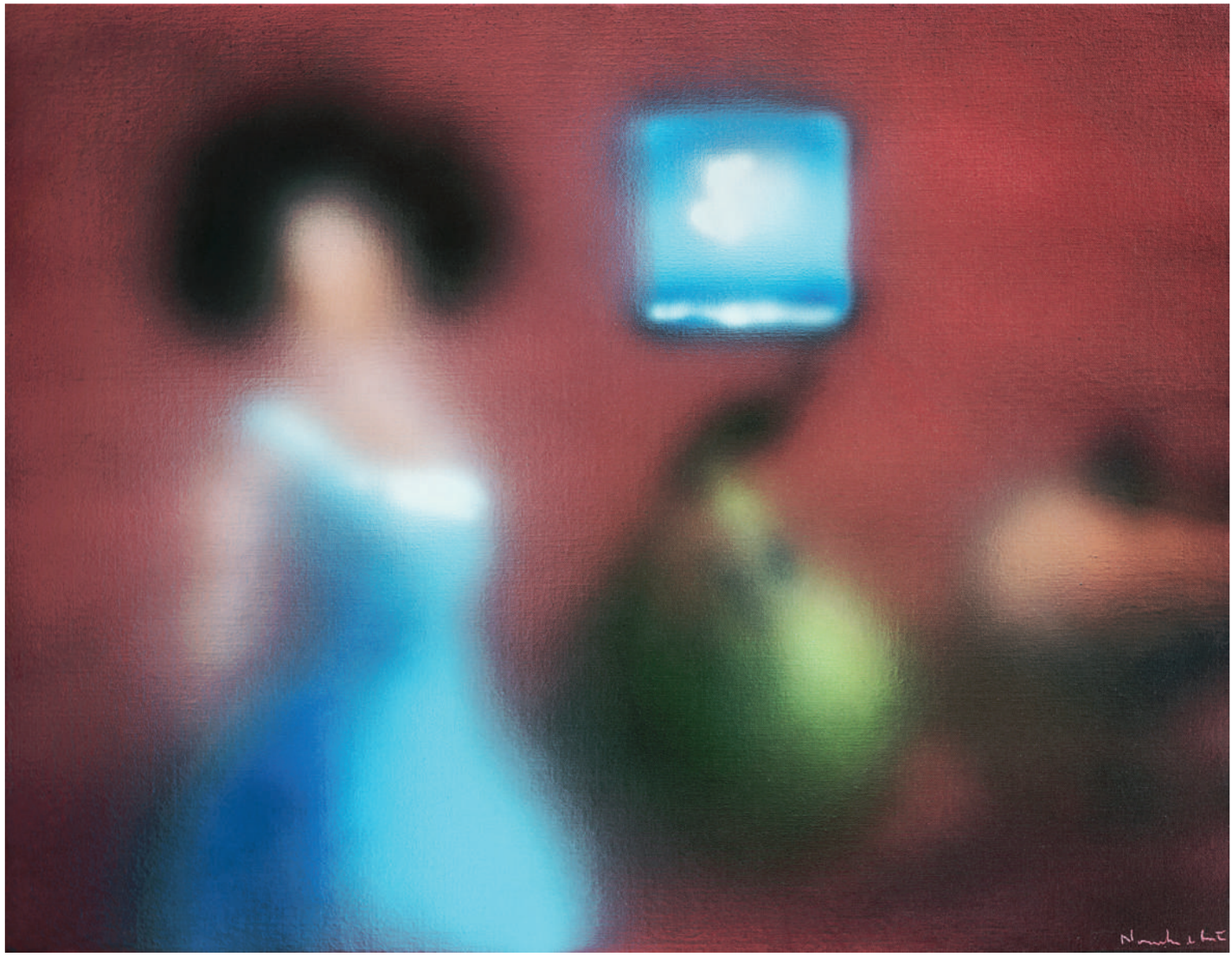
S/Título (série “imagens cruzadas”), 2016
Óleo s/ tela
30 x 30 cm

MÁRIO BISMARCK

S/Título (série “imagens cruzadas”), 2016
Óleo s/ tela
30 x 30 cm

NORONHA DA COSTA

Acrílico s/ tela
54 x 65 cm



GALERIA DE ARTE
arte contemporânea

ALEXANDRA DE PINHO

AMELIA PALACIOS

FÁTIMA SANTOS

J. ALEXANDRE

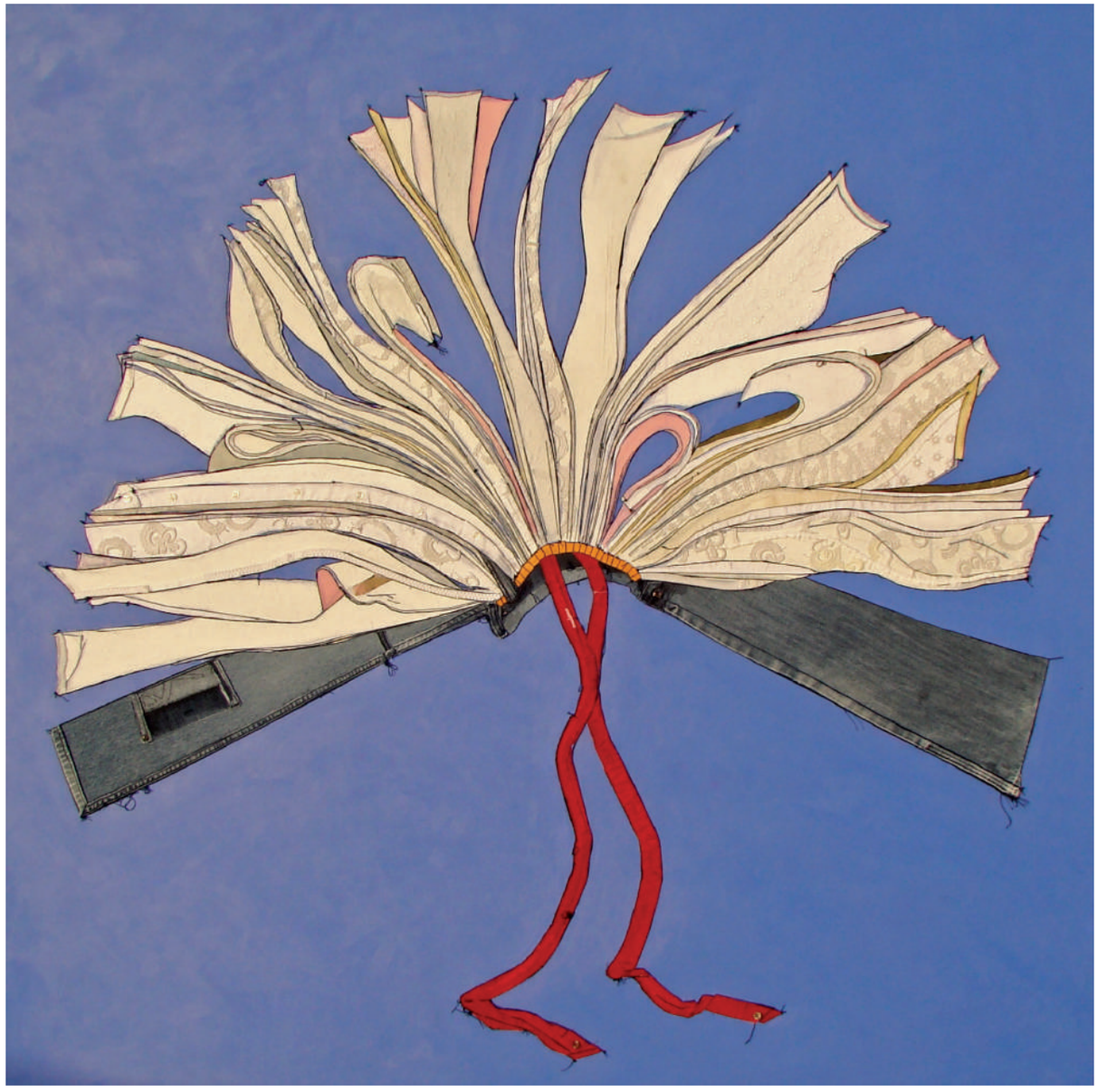
MARIA DA PAZ MENEZES

MÁRIO VTÓRIA

OLÍVIA REIS

ALEXANDRA DE PINHO

Narrativa de Fugas I, 2012
Técnica mista s/ tela
160 x 160 cm



ALEXANDRA DE PINHO

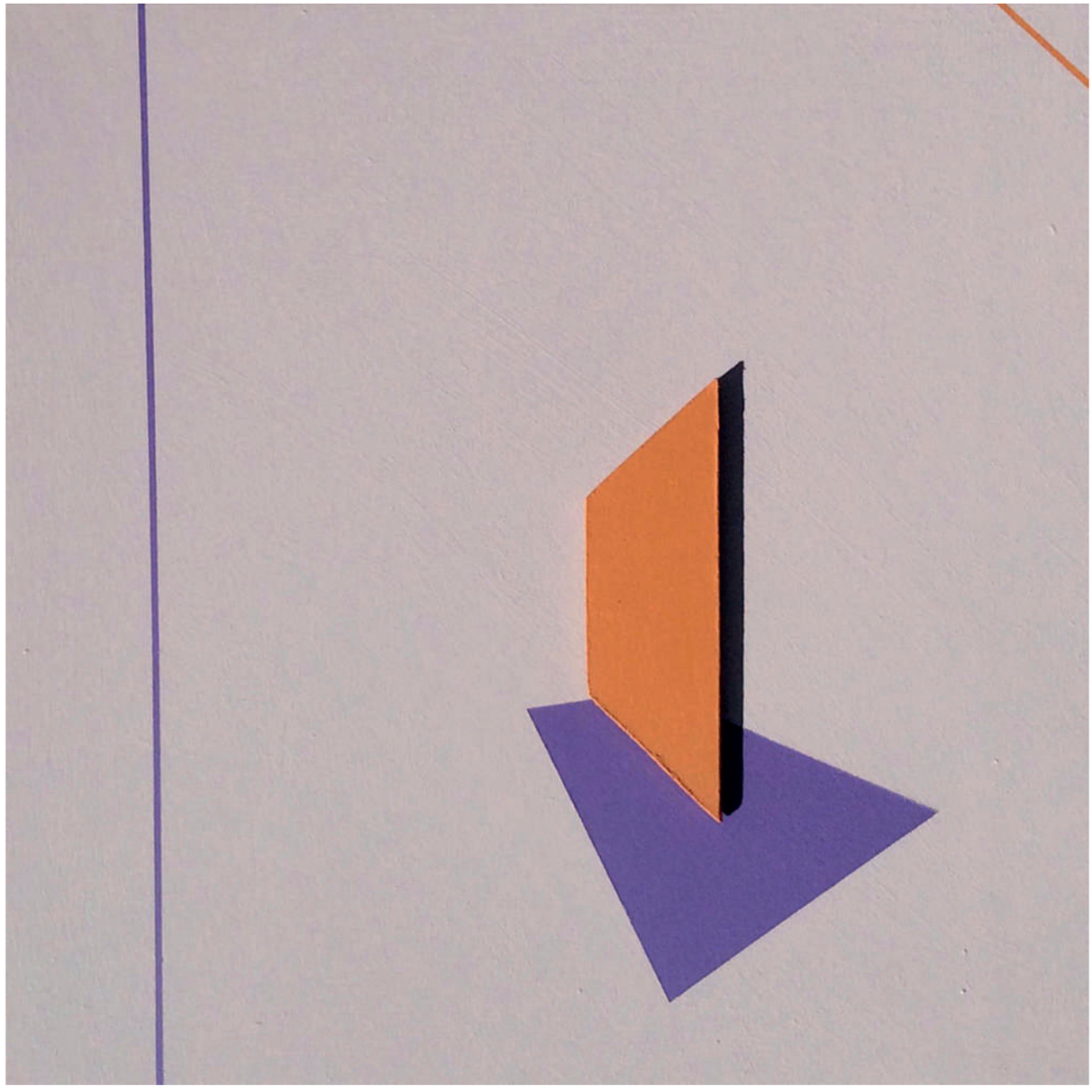
Narrativa de Fugas II, 2012
Técnica mista s/ tela
160 x 160 cm

AMELIA PALACIOS

Lluvia sobre el mar, 2017
Acrílico s/tela
40 x 40 cm

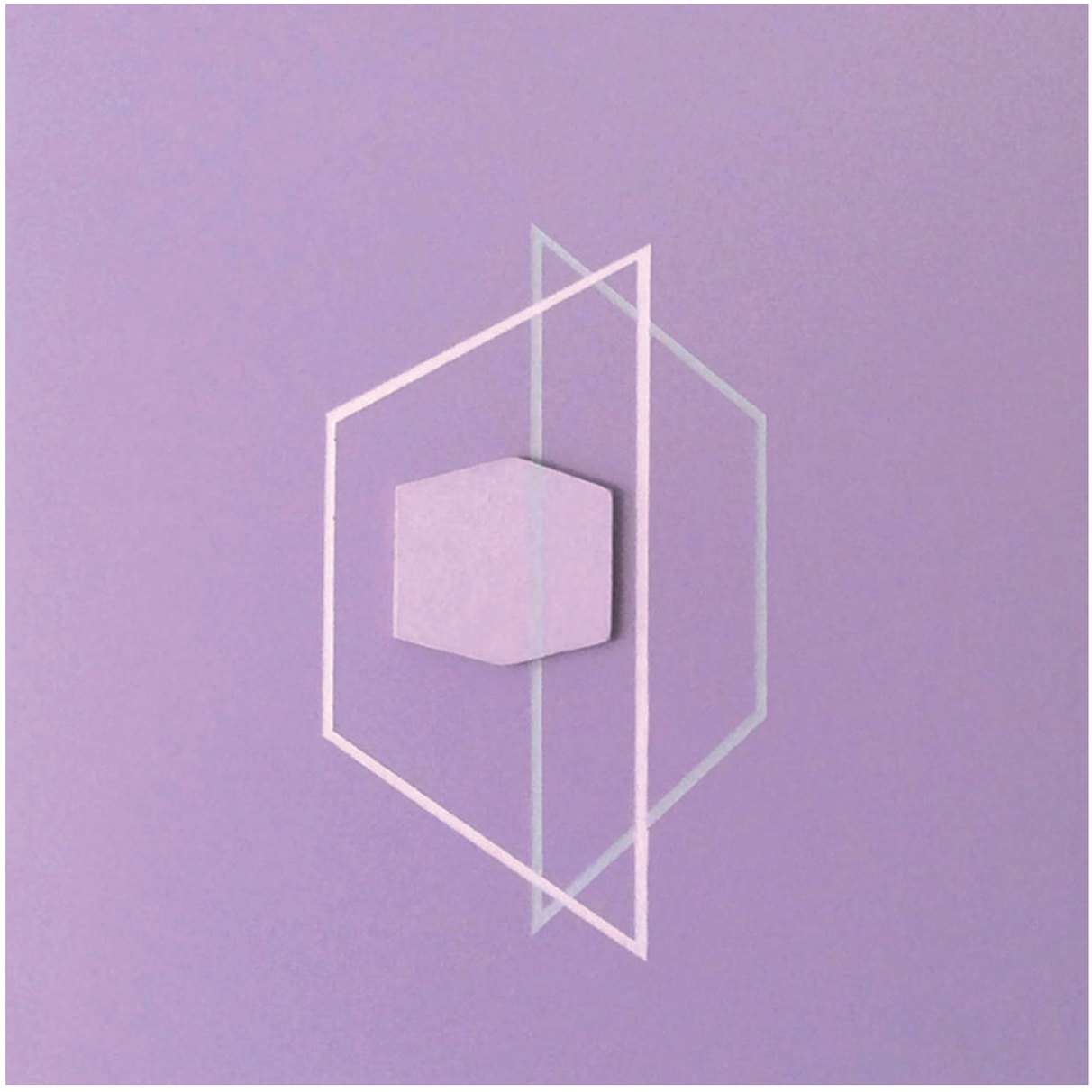
AMELIA PALACIOS

O murmúrio das ondas, 2017
Acrílico s/tela
80 x 80 cm



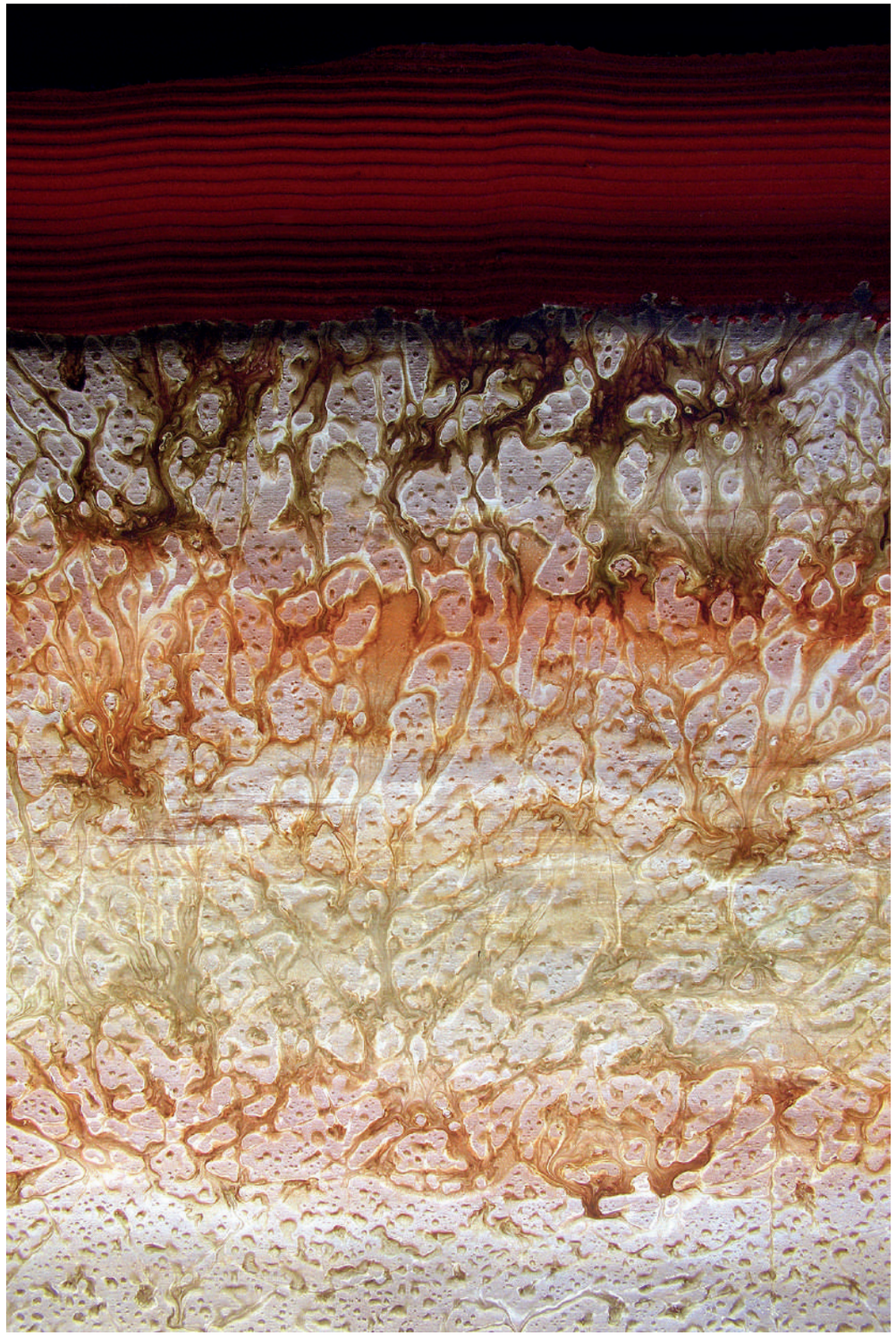
FÁTIMA SANTOS

Variations in Bb_B_Gb, 2016
Acrílico S/ madeira
33 x 33 cm



FÁTIMA SANTOS

Harmony in Db Major, 2016
Acrílico S/ madeira
33 x 33 cm



J. ALEXANDRE

S/Título, 2006
Acrílico e pedra-pomes s/papel
70 x 50 cm

J. ALEXANDRE

S/Título, 2006
Acrílico e pedra-pomes s/papel
70 x 50 cm

MARIA DA PAZ

S/Título, 2017
Acrílico s/ papel
50 x 70 cm

MARIA DA PAZ

S/Título, 2017
Acrílico s/ papel
50 x 70 cm

MÁRIO VITÓRIA

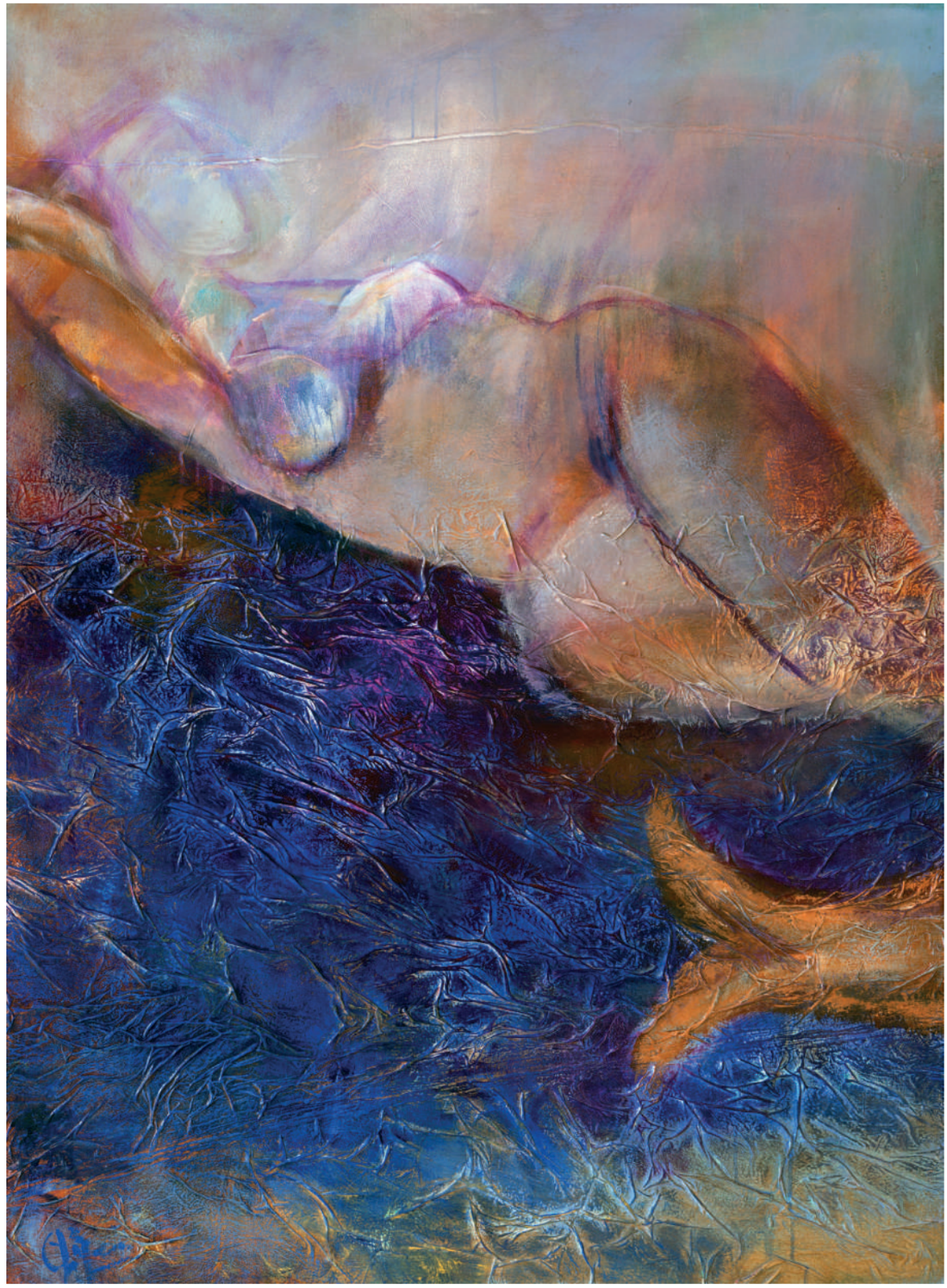
A dieta da consciência mata
mais que a obesidade da vida

Acrílico s/ madeira

122 x 113 cm

MÁRIO VITÓRIA

Futuro de ouro, 2013
Acrílico s/ madeira
143,5 x 204 cm



OLÍVIA REIS

O Silêncio do Canto
Técnica mista s/ tela
81 x 85 cm

OLÍVIA REIS

Outro Silêncio
Técnica mista s/ tela
104 x 163 cm

RESUMOS BIOGRÁFICOS

ABREU PESSEGUEIRO

Arquitecto e professor jubilado. Foi fundador e presidente da APROGED. Desde 1967, realizou 34 Exposições Individuais, participou em mais de 200 Colectivas e está representado em inúmeras colecções oficiais, particulares, nacionais e internacionais.

ALEXANDRA DE PINHO

Licenciada FBAUP. Pós-graduação Facultad Bellas Artes Barcelona, e na Facultad Belas Artes de Pontevedra. Detentora de prémios: 2017, Aquisição XIX Bienal Internacional Arte Cerveira. Finalista Luxembourg Art Prize Galeria Hervé Lancelin, Luxemburgo. 2015, Porto Art Fest Cooperativa Árvore. 2008, Pintura Aveiro Jovens Criadores, Casa Cultura Aveiro. 2007, Annual Investigação de Pintura ANBA. Menções Honrosas: Pintura Concurso Artur Bual, Amadora. Revelação/ Inovação Salúquia às Artes Moura. 1ª Pintura Aveiro Jovem Criador. 2006, Jovem Criador Aveiro, IV Bienal de Pintura Arte Jovem Penafiel. IX Pintura D. Fernando II. 2004, VIII Prémio Pintura D.Fernando II. 2002, II Bienal Pintura Penafiel.
Lado do Oceano" (Editora).

ÁLVARO LAPA (1939 - 2006)

Professor da FBAUP. Tese doutoramento Surrealismo em Portugal. Curso de Filosofia na FLUP (1975). Prémios de pintura (2.º Prémio na Exposição da Queima das Fitas de Coimbra, de 1968, 3.º Prémio I Salão Arte de Lagos, 1970). Obras literárias (Raso como o Chão, 1974, Barulheira, 1976, e Porque Morreu Eanes, 1977). Bolsa da Fundação Calouste Gulbenkian (1976).

AMELIA PALACIOS

(Pontevedra, Espanha) Artista plástica. Estudou arquitectura na Universidade de Madrid e na FAUP. Outros suportes: audiovisual, design, fotografia... Expõe regularmente a sua obra em Espanha e Portugal.

ANTÓNIO MACEDO

Frequentou a FBAUP (1974) e o Bacharelato pela Open University (1986). Foi promovido em Londres pelas galerias "John Whiteley Ltd" e "Pantiles Gallery", Galeria W.H. Patterson e Christopher Wood Gallery. 1º prémio Exposição do Royal Institute of Oil Painters (1989) Menção honrosa, Bienal de Placência (1999). Representado em prestigiados museus e colecções particulares.

ARMANDO ALVES

Foi professor da FBAUP, onde introduziu o estudo das Artes Gráficas. Bolseiro da Fundação Calouste Gulbenkian. formou o grupo "Os Quatro Vintes", em 1968. Dedicou-se às Artes Gráficas, área que ajudou a modernizar e a revalorizar. 1º prémio Mostra Artes Gráficas Grafiporto 83; Prémio de Artes Casino da Póvoa (2009). Grau de Grande Oficial da Ordem do Mérito (2006). Fundador da Cooperativa Árvore. Representado em prestigiados museus e colecções particulares.

ARTUR MOREIRA

Foi professor da FBAUP e EUAC. Prémios: 1965/66/67, Ventura Terra, ESBAP - 1972/73, Teixeira Lopes (escultura) ESBAP - 1974 Fernanda de Castro, Ateneu Comercial Porto - 1975, Fundação Engenheiro António de Almeida, Porto - 1984, 1º Prémio de Escultura e Desenho, Exp. Gaia Vista pelos Artistas - 1987, Prémio Talens, Exp. "40x50" Museu Teixeira Lopes, Gaia - 1989, 1º Prémio (Exp. Nacional Comemorativa Centenários Morte de Soares dos Reis e Nascimento Diogo de Macedo, Gaia. Em co-autoria com o Pintor António Modesto: 1992, 1º Prémio "Medalha Comemorativa dos 35 anos da Rádio Televisão Portuguesa" - 1º Prémio "Troféu Associação Industrial Portuense" - 3º prémio Nacional "Escultura em Betão" SECIL - 1993, 1º Prémio Mascote da Expo. 98 (GIL).

CARLOS CARREIRO

Foi professor da FBAUP. Realizou em 1973 a sua primeira exposição no Porto. Integrou várias exposições coletivas Membro fundador do Grupo Puzzle (1976), Representado em prestigiados museus e colecções particulares.

CRUZEIRO SEIXAS

Fundador do movimento surrealista português, juntamente com Mário Cesariny, António Maria Lisboa, Carlos Calvet, Pedro Oom e Mário-Henrique Leiria, integra o grupo Os Surrealistas, com 1ª exposição dos Surrealistas, Lisboa (1949). Recebe uma bolsa da Fundação Calouste Gulbenkian em 1967. Trabalha como programador em Galerias. Colabora em revistas internacionais ligadas ao surrealismo.

DARIO ALVES

Foi professor da FBAUP e Presidente do Conselho Diretivo. Expõe Pintura desde 1972 e realiza a sua primeira exposição individual em 1979. Integrou o Grupo Puzzle. Representou a Faculdade de Belas Artes na escolha da face Nacional da moeda de Euro. Representado em prestigiados museus e colecções particulares.

FÁTIMA SANTOS

Aluna de Doutoramento em Arte e Design na FBAUP. Licenciada e Mestre em Artes Plasticas - Pintura. Prémios: "Carlos Parede" (2006) acordeonista convidada do grupo Mandrágora,"3º Prémio Pintura Banif" (2008), 7º e 9º "Prémio Amadeo de Souza-Cardoso" (2009 e 2013) e Serralves em Festa 2014 "Quadrivium".

FRANCISCO LARANJO

Professor Catedrático da FBAUP. Conferencista ou professor convidado em diversas universidades ou academias em cidades como Bilbao, Otava, Calgary, Daegu, Sheffield, Manchester, Istambul, Alexandria, Sófia, Paris e São Paulo. Expõe individual e colectivamente desde 1979 em Portugal, Holanda, Bélgica, Alemanha, Canadá, Índia, China, Coreia do Sul, Brasil, entre outros países. Foi bolseiro da Fundação Calouste Gulbenkian em pós-graduação (1981-83) e da Junta Nacional de Investigação Científica em Portugal, Holanda e Egipto. Foi ainda bolseiro do Instituto Goethe em Dresden, Alemanha (2000).

HELDER CARVALHO

Formou-se em Artes Plásticas pela FBAUP. Em 2006 concluiu o mestrado em " Art Craft and Design Education", pela Universidade de Roehampton - Londres. Actualmente dedica-se em exclusividade à prática de artes plásticas dando preferência ao trabalho de escultura.

J. ALEXANDRE

Licenciado Faculdade Belas-Artes São Paulo-Brasil. Pintor abstracionista português. Em 1992 estabeleceu-se como artista plástico no Porto. Desde essa altura tem realizado exposições individuais e coletivas Nacionais e Internacionais.

JAIME ISIDORO (1924-2009)

Escola Soares dos Reis, Desenho e Pintura. Foi fundador da Academia Dominguez Alvarez (com António Sampaio; 1954) e da Bienal de Cerveira (1978). Prémios: Armando Basto (1954), António Carneiro (1955), Henrique Pousão (1957), Medalha de Mérito Cultural da C. M. de Cerveira (1982) e medalhas de ouro das câmaras do Porto, 1988, e Gaia, 2002. Grande-Oficial da Ordem do Mérito.

JOSÉ DE GUIMARÃES

Curso de Engenharia na Universidade Técnica de Lisboa. Prémios: 1º Prémio do Salão de Arte Moderna da Cidade de Luanda (1968 e 1969); 1º. Prémio Universidade de Luanda, na categoria de Gravura; 1º prémio na Exposição Nacional de Gravura em Lisboa; medalha de bronze do Prémio Europeu de Pintura de Ostende (1978 e 1980); medalha de mérito artístico de Guimarães; Grau de Comendador da Ordem do Infante D. Henrique (1990); prémio de Artes Visuais da Associação Internacional de Críticos de Arte. Concebeu o logótipo internacional e turístico de Portugal, no ano de 1993. Representado em prestigiados museus e colecções particulares.

JOSÉ RODRIGUES (1936-2016)

Estudos artísticos na FBAUP - Escultura. Com Armando Alves, Ângelo de Sousa e Jorge Pinheiro constituiu, em 1968, o grupo Os Quatro Vintes. Fundador da Cooperativa Cultural Árvore, promotor da Bienal de Vila Nova de Cerveira. Autor de várias obras das quais se destacam: O cubo da Praça da Ribeira e o Monumento ao Empresário na Avenida da Boavista, Porto. Representado em prestigiados museus e colecções particulares.Prémios: Souza-Cardoso, 1972; Imprensa pelo melhor espaço cénico realizado em Lisboa, 1980; Escultura da Bienal de Vila Nova de Cerveira,1990; Soctip "Artista do Ano" 1994; "Tendências de Arte Contemporânea em Portugal", CM Santa Maria da Feira.

JÚLIO RESENDE (1917-2011)

Docente e Presidente do Conselho Directivo da FBAUP. Em 1935 participou na Grande Exposição dos Artistas Portugueses. Participou na criação do Grupo dos Independentes, (movimento neo-realista). Em 1945, expôs no Porto e ganhou os primeiros de muitos prémios. Em 1946 criou um curso de arte no Instituto Britânico do Porto. A primeira exposição individual no exterior aconteceu em 1950, em Kristiansund, na Noruega. Na arte pública executou vários painéis cerâmicos para edifícios e colaborou com notáveis arquitectos nacionais. Representado em prestigiados museus e colecções particulares.

MANUEL CAEIRO

Artista com carreira reconhecida em Portugal e que gradualmente é reconhecido internacionalmente. Estudou na FBAUL e expõe regularmente desde 1999 em vários países, a sua obra está representada em várias colecções internacionais.

MANUEL CARGALEIRO

Pintor e ceramista português. Frequentou a Academia de Belas-Artes e o atelier de olaria de José Trindade. Prémio Nacional de Cerâmica em 1954. Estudou ainda cerâmica em Faenza, Roma e Florença. Estagiou na fábrica de Faiança de Gien, França, com o patrocínio da Fundação Calouste Gulbenkian. Expôs em Tóquio, Turim, Milão, Rio de Janeiro, Lourenço Marques, Luanda.
Está representado em prestigiados museus e colecções particulares.

MARIA DA PAZ MENEZES

Arquitecta - ESAP / 1987
Expõe individualmente e colectivamente desde 2010. Está representado em inúmeras colecções oficiais e particulares, nacionais e internacionais.

MÁRIO BISMARCK

Professor Catedrático de Desenho na FBAUP. É co-editor da revista Psiax dedicada ao estudo do desenho e da imagem, editada conjuntamente pela FBAUP, FAUP e Departamento de Arquitectura da Universidade do Minho. Está representado em colecções públicas e privadas.

MÁRIO VITÓRIA

Licenciou-se na FBAUP. Mestre pela mesma Faculdade em Práticas e Teorias do Desenho. Mestre pela FPCEUP-Artes Visuais.
Durante o percurso académico realizou estudos intermédios em Lyon (França), Bolonha (Itália) e Sheffield (Inglaterra). Mário Vitória está representado em inúmeras colecções oficiais e particulares, nacionais e internacionais.

NORONHA DA COSTA

Artista plástico português, nascido em 1942, em Lisboa, iniciou a sua vida artística quando se encontrava a meio do curso de Arquitetura, na Escola Superior de Belas-Artes de Lisboa. Na década de 70 participou na exposição Alternativa Zero (1977) e representou Portugal na 34.a edição da Bienal de Veneza (1970). Está representado em inúmeras colecções oficiais e particulares, nacionais e internacionais. Recebeu o Grande Prémio Soquil em 1969 e o Prémio Europeu de Pintura atribuído pelo Parlamento Europeu em 1999.

OLIVIA REIS

Licenciada pela FBAUP em Artes Plásticas/Pintura/1997.
Frequentou a FLUP (História Arte),
Foi Professora de Educação Artística, no Ensino Básico e Secundário.
Foi Monitora em ateliers de Desenho, Pintura, Cerâmica, Vitral, Fotografia e Teatro. Várias Exposições Individuais e coletivas.
Está representada em Instituições Públicas e Colecções Particulares.

GALERIA DE ARTE
arte contemporânea

ARTE CONTEMPORÂNEA

ORGANIZAÇÃO E COORDENAÇÃO
Olívia Reis

OR GALERIA DE ARTE
Rua 14, nº 781 | Rua 25, nº 318 - 4500-280 Espinho | Portugal
info@oliviareisgaleria.com
oreisgaleriarte@gmail.com
www.oliviareisgaleria.com
+351 914 294 970

DATA
Setembro de 2017

CATÁLOGO

EDIÇÃO
OR GALERIA DE ARTE

COORDENAÇÃO
Olívia Reis

TEXTOS
Olívia Reis
Fátima Lambert
Francisco Azevedo Brandão

DESIGN E PAGINAÇÃO
Tiago Castro

LOGÓTIPO - OR GALERIA DE ARTE
Tiago Castro

IMPRESSÃO
GRECA - ARTES GRÁFICAS

TIRAGEM
200 Exemplares